

Mulheres empreendedoras: uma perspectiva socioambiental

Entrepreneurial women: a socio-environmental perspective

Nathalie Assunção Minuzi, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Maria.

nathalieminuzi@gmail.com

Márcia Paixão, Doutora em Educação, Universidade Federal de Santa Maria

Marciapaixao12@gmail.com

Leila Maria Araújo, Doutora em Educação da Informática, Universidade Federal de Santa Maria

leilamas@ctism.ufsm.br

Resumo

Este artigo apresenta alguns dados e reflexões acerca de uma pesquisa em andamento, da Especialização em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria, com o objetivo de apresentar alternativas que auxiliem a auto-gestão sustentável. O grupo de mulheres onde a pesquisa é realizada encontra-se em processo de formalização de uma cooperativa no segmento de produtos artesanais. No viés da Educação ambiental, observa-se a demanda em abordar questões relacionadas com economia solidária, desenvolvimento sustentável e a participação das mulheres no mundo do trabalho. A metodologia utilizada é a pesquisa-ação, pois se entende que os relatos de experiência das participantes e a reflexão no coletivo são fundamentais para a concretização da proposta. Para fins deste artigo, pretende-se aprofundar teoricamente os conceitos norteadores da pesquisa: economia solidária, educação ambiental, mulheres.

Palavras-chave: Educação ambiental; Economia Solidária; Mulheres

Abstrac

This article presents some data and reflections about an ongoing research, from the Specialization in Environmental Education, Federal University of Santa Maria. The group of women where it is in practice in a process of formation of a cooperative without segment of artisanal products. In the environmental education bias, there is a demand to address issues related to solidarity economy, sustainable development and the participation of women in the world of work. A methodology used and a research, an action, a set of participants and a non-collective reflection are fundamental for an achievement of the proposal. For the purposes of this article, we intend to deepen theoretically the guiding concepts of research.



Keywords: *Environmental education; Solidarity economy; women*

1. Introdução

A cultura empreendedora vem se expandindo no cenário nacional e por consequência, é dialogada cada vez mais dentro da academia, uma vez que se observa a necessidade em inovar dentro dos modelos de empreendimento. Neste aspecto, o Brasil é conhecido pela criatividade seja em oferecer um novo serviço ou produto.

Neste contexto, a ideia da formalização, acaba gerando demandas para o sujeito, que nem sempre consegue resolvê-las de maneira eficaz. Sendo esta uma das justificativas para que ele mantenha seu empreendimento na informalidade. Dentro deste cenário, existem recortes necessários, para que seja possível compreender a razão pela qual o sujeito resolve empreender em um determinado segmento.

Partindo do viés da economia solidária como uma alternativa para a efetivação de um coletivo de mulheres, buscando assim inserir valores da economia solidária como o desenvolvimento social e sustentável e a cooperação de um determinado grupo. Se constata que um dos desafios da economia solidária é gerar um comércio justo, neste sentido a educação ambiental serve como referência para trabalhar temáticas transversais dentro de espaços não formais de educação como por exemplo associações cooperativas.

No Brasil observa-se o surgimento de cooperativas e associações como via de formalização de um determinado segmento. Dentro deste grupo é relevante apresentar que a maioria das empreendedoras (micro) se tratam de mulheres. Logo, observa-se uma demanda para que estas se sintam protagonistas, donas do seu negócio. A partir desta lógica, surge o questionamento norteador desta pesquisa: Como a inserção de práticas estratégicas podem valorizar o desenvolvimento sustentável no cenário local?

Assim sendo, o objetivo geral terá como foco efetivar a auto-gestão, por meio de ações implementadas no coletivo, valorizando sua posição no mundo do trabalho sustentável. Ao realizar o recorte de gênero, significa ratificar a presença das mulheres no mundo do trabalho, a necessidade de compreender quais questões levam as mulheres a empreender, como se sentem ao ingressar neste espaço e o seu protagonismo social.

Por esta razão, ao pensar na complexidade deste contexto é preciso inserir a Educação ambiental como norteadora para esta temática, uma vez que a própria economia solidária

tem como dimensões o desenvolvimento econômico, cultural e político de um determinado *locus*.

A educação ambiental através da reflexão e da prática, pode propor tais ações por meio de uma visão sistêmica. Dentro do viés da inovação social é necessário pensar em estratégias que valorizem o desenvolvimento local, e que dialoguem com este sujeito considerando o desenvolvimento sustentável da comunidade na qual está inserido.

2. O Desenvolvimento Sustentável

A partir da Educação Ambiental é possível visualizar estratégias para abordar o desenvolvimento sustentável de uma comunidade. Esta ideia corrobora um dos pilares da sustentabilidade, que é o do desenvolvimento social do *loco*. O conceito de desenvolvimento sustentável é ratificado por Ignacy Sachs (2010), onde o autor aborda que a sociedade deve buscar o **ecodesenvolvimento** de um determinado *loco*. Onde ele considera que a problemática ambiental não é exclusividade de uma única esfera, mas sim, a consequência de uma série de relações onde vários fatores devem ser considerados para uma reflexão socioambiental.

Deste modo, uma pesquisa onde seja trabalhado com o recorte de um grupo historicamente excluído como o das mulheres no mundo do trabalho é justificada, para compreender quais as razões desta exclusão e assim realizar ações de valorização e inclusão desta mulher no mundo do trabalho pela igualdade, através do viés social e financeiro (geração de renda e economia solidária).

Pensar no recorte das mulheres inseridas em um ambiente predominantemente masculino como o mundo dos negócios já é uma ação inovadora, uma vez que existem tantos limitantes sociais para que esta mulher seja vista como dona do seu empreendimento. A autora Cristina Bruschini (2002) apresenta dados relevantes acerca da inserção da mulher no mercado de trabalho na década de noventa. Neste ano a taxa de atividade feminina chegava a 47%, ou seja, que de a cada 100 mulheres 47 estavam inseridas no mercado de trabalho ou buscavam emprego.

A consultora Tânia Andrade (2016), apresentou em seu estudo no ano de 2016 dados que apontavam que de 1950 até 2010, a participação das mulheres no mundo do trabalho

foi de 13% para 49,9%. Esses números são representativos uma vez que reduzem a diferença entre homens e mulheres inseridos no mercado de trabalho.

Bruschuni apresenta que é percebida uma mudança no perfil da mulher ingressante no mercado de trabalho. Antes se tratava de uma mulher mais jovem e solteira, atualmente o mercado aumenta com a inserção de mulheres mais velhas. No entanto, a autora, aponta de modo comparativo uma série de fatores para a dificuldade de inserção desta mulher no mundo do trabalho

Pode-se afirmar que, no âmbito da oferta de trabalhadoras, tem havido significativas mudanças. Restam, no entanto, algumas continuidades que dificultam a dedicação das mulheres ao trabalho ou fazem dela uma trabalhadora de segunda categoria, que está sempre em desvantagem no mercado. Em primeiro lugar, elas continuam sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas (BRUSCHINI, 2002, p.164).

A partir da abordagem da autora, se entende como este recorte de gênero é relevante, uma vez que será necessário considerar aspectos sobre como esta mulher irá se inserir e se posicionar de maneira estratégica em relação aos seus produtos no mercado. Para que ocorra esta inclusão são necessárias cada vez mais ações que afirmem o papel da mulher como protagonista, onde ela encontre subsídios para gerir seu empreendimento e assim formalizá-lo.

Neste aspecto, a educação ambiental servirá como um elemento de sensibilização e diálogo entre a economia solidária, questões ligadas a gestão deste coletivo uma vez que ela está pautada pela *práxis* em espaços formais e informais.

É relevante a compreensão que Afonso (2001) faz sobre a diferenciação entre educação formal, informal e não formal.

Por educação formal entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto (AFONSO, 2001, p.78)

De acordo com esta categorização do autor, este projeto se desenvolverá no âmbito da educação informal. Sendo que uma das maiores demandas da educação informal está no fato de sensibilizar o sujeito em relação a uma problemática do seu entorno. Para que isto ocorra é fundamental que sejam pensadas as atividades e que elas estejam de acordo com o *locus* do indivíduo.

Ao se trabalhar com o desenvolvimento sustentável, existe o viés da geração de renda que pode ocorrer por meio de diversos modelos. A proposta das cooperativas e associações convergem com o conceito que é trabalhado dentro da economia solidária, que se propõem fundamentalmente gerar um comércio justo, considerando fatores que influenciam na manutenção do ambiente.

No Brasil, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) aponta a ideia de cooperativa por exemplo como uma maneira de aumentar a competitividade mercadológica, uma vez que por exemplo as cooperativas podem se formar com o objetivo de comprar insumos em maior quantidade, gerando como consequência a diminuição no custo do produto final.

Cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de um empreendimento de propriedade coletiva e democraticamente gerido. Fundamenta-se na economia solidária e se propõe a obter um desempenho econômico eficiente, por meio da produção de bens e serviços com qualidade destinada a seus cooperados e clientes (SEBRAE, p.11)

Nesta pesquisa por se tratar de algo voltado para a economia solidária é importante destacar que o grupo não visa a competitividade e mercadológica. O histórico deste coletivo de mulheres tem em comum a demanda da geração de renda por meio da venda de seus produtos e a auto- formação cidadã das mulheres.

O conceito de economia solidária tem como princípio o desenvolvimento justo do comércio. Essa afirmação é relevante uma vez que associamos tal desenvolvimento considerando a relação que o empreendimento terá com o seu entorno. De acordo com Paul Singer (2007)

Nós costumamos definir economia solidária como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles essa é a característica central. E a autogestão, ou seja, os empreendimentos de economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática, quer dizer, cada sócio, cada membro do empreendimento tem direito a um voto. Se são pequenas cooperativas, não há nenhuma distinção importante de funções, todo o mundo faz o que precisa. (SINGER, 2007, p.2)

Ele conceitua economia solidária em uma perspectiva da gestão coletiva o que é consoante com a concepção de uma cooperativa. Atualmente observa-se que o desafio existente, está relacionado a encontrar maneiras de fomentar e efetivar a economia solidária em um mercado tão marcado pela desvalorização do trabalho humano e em especial o trabalho da mulher. O autor também aponta para um fator relevante dentro da economia solidária que é a autogestão.

Inserir práticas de Educação ambiental é algo relevante, uma vez que atualmente se torna inviável pensar em gestão de um negócio desconsiderando os fatores que estão atrelados ao entorno, ou seja o que este empreendimento influencia localmente questões como compra de insumos, logística, geração de empregos entre outros. Neste ponto é relevante a ideia de gestão ambiental empresarial proposta por José Barbieri (2008).

A solução dos problemas ambientais, ou sua minimização, exige uma nova atitude dos empresários que devem passar a considerar o meio ambiente em suas decisões e adotar concepções administrativas e tecnológicas que contribuam para ampliar a capacidade de suporte do planeta. (BARBIERI, 2008 p.99)

A perspectiva do autor é válida para que se compreenda em função da problemática ambiental que os negócios precisam pensar em maneiras de amenizar seu impacto em relação ao meio no qual está inserido. É preciso que a educação ambiental dialogue dentro de um empreendimento e que seja possível sensibilizar que o sujeito tem responsabilidade de pensar toda a cadeia produtiva de seu produto ou serviço oferecido, a fim de que tenha o menor impacto ambiental possível.

Por esta razão ao planejar uma cooperativa ou associação com este olhar sistêmico, o modelo de gestão e o relacionamento com o entorno, são fundamentais para atender ao desenvolvimento sustentável.

A priori cada vez mais movimentos ligados a economia solidária ou a “outra economia” ganham força no âmbito regional. Logo desenvolver ações estratégicas que fomentem a geração de renda de um mercado local é relevante uma vez que Chris Anderson (2006) propõe que novos mercados e que sejam cada vez mais pensados para uma população local. No entanto como o autor afirma, encontrar nichos locais é uma tarefa difícil. Esta ideia corrobora a demanda em desenvolver ações estratégicas concordantes com a gênese do empreendimento.

Esta pesquisa busca, por meio do referencial teórico, bases para a realização e implementação da prática de um coletivo de mulheres em Santa Maria, Com a finalidade de responder o questionamento norteador da pesquisa.

3. Desenvolvimento

O trabalho desenvolvido no coletivo Marias Bonitas, na cidade de Santa Maria, parte do princípio da implementação da auto-gestão que se efetivara em uma associação. A partir do conceito de economia solidária proposto por Singer, observamos como a autogestão deve se desenvolver neste tipo de empreendimento como princípio básico.

O trabalho está se desenvolvendo em um formato de construção coletiva, onde gradualmente as demandas do grupo são apresentadas e as estratégias são desenhadas. A fim de gerar soluções adequadas baseadas no princípio do codesenvolvimento, faz-se necessário o pensamento projetual, uma vez que este brinda uma ideia sistêmica da problemática e suas relações com o entorno. A partir desta ideia, buscou-se conhecer a comunidade e como este coletivo realiza suas relações considerando as demandas sociais do entorno.

4. Metodologia

Para este artigo, será utilizada uma abordagem qualitativa dos fatos, uma vez que se trata de uma análise social das experiências, por meio de uma pesquisa-ação. Nessa abordagem, a pesquisadora também está inserida na pesquisa não como mera observadora e descritor do fato, mas sim com um agente transformador da demanda. A partir das

questões apresentadas por este grupo de mulheres serão construídas as ações estratégicas para serem aplicadas ao grupo, pensando em cada demanda e na viabilidade deste grupo de executar tal ação.

Ao delimitar as demandas e a extensão das ações praticadas durante o tempo proposto mensuraremos o impacto a curto prazo destas ações, utilizando como instrumento entrevistas abertas, ou seja, coletando informações das mulheres. Sendo que o ato de implementar uma ação e mensurá-la será realizado ao longo de todo o processo com a finalidade de coletar informações e conhecer como este movimento se articula.

Enquanto pesquisadora, a presença se deu durante as reuniões e na coordenação de oficinas realizadas no local onde as mulheres vivem. Para este estudo, foi necessário um somatório de ações: observação *a priori* para conhecer e identificar as demandas e um debate teórico acerca da temática.

A construção da metodologia das ações estratégicas está embasada na ideia do *Design Thinking*, proposto por Tim Brown, esta metodologia é embasada no desenvolvimento de produtos e serviços projetados, tendo o usuário como centro da demanda.

As ações estratégicas, ocorrerá a partir de uma ideia de construção coletiva, ou seja, após a análise das demandas apresentadas e subjetivas do grupo. A pesquisadora a partir destas informações ira gerar a sugestão de ações e apresentar ao grupo.

A partir desta apresentação, é dialogado com o grupo e decidido se esta ação será implementada ou não.

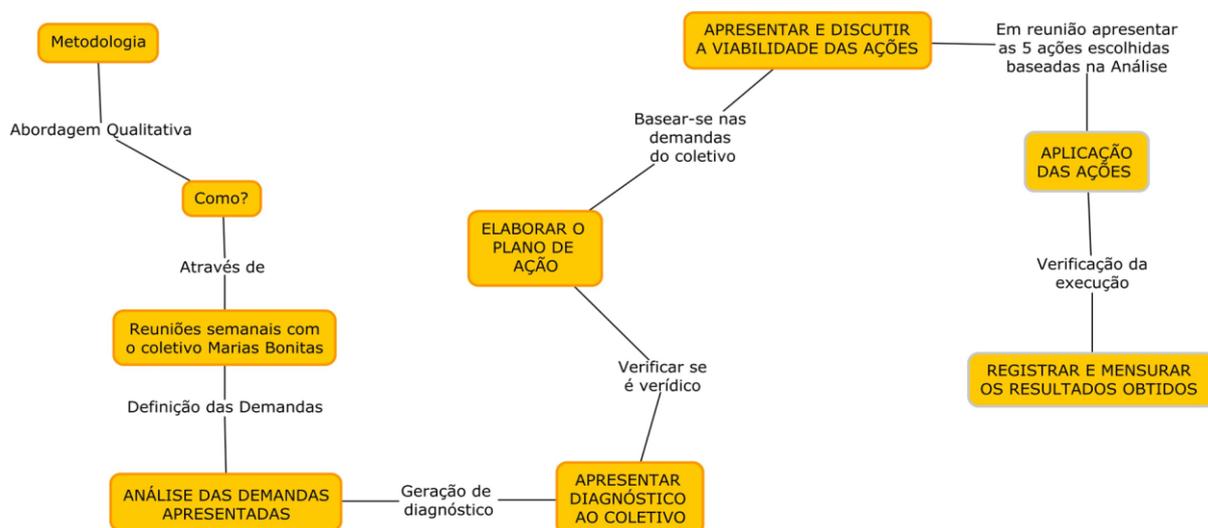


Figura1: Estruturação da ferramenta para o plano de ação. Fonte: elaborado pelo autor.

A figura um, representa de modo esquemática como serão desenvolvidas ações estratégicas para o grupo. Essas ações serão pensadas considerando diminuir os impactos ambientais causados pelo empreendimento. É relevante apresentar que para este trabalho serão desenvolvidas cinco ações estratégicas em vias de efetivação da economia solidária. Contudo, serão necessárias mais implementações de acordo com as demandas que surgirem no coletivo, uma vez que o processo de autogestão deve ser revisto e atualizado constantemente considerando o entorno dinâmico e como consequência as demandas também mudam.

Como instrumento de análise este trabalho, realizaremos entrevistas abertas e relato de vida com as participantes. Para a categorização dos dados será utilizada a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (1996) e a técnica da escuta sensível, onde se tenta compreender as subjetividades de cada participante.

A amostragem ocorrerá através de todos os envolvidos no coletivo respeitando os critérios de inclusão e exclusão. O critério de inclusão será incluir todas as participantes do coletivo, enquanto o de exclusão será excluir as mulheres não pertencentes ao coletivo.

5. Discussão e Resultados

Esta pesquisa atualmente se encontra na fase de construção e aplicação das ações estratégicas em um coletivo de mulheres. O que é possível perceber é o envolvimento das participantes com estas ações e a contextualização de temáticas transversais como a educação ambiental no contexto da economia solidária.

A perspectiva socioambiental é aplicada em um viés consoante com a proposta de Sachs e Singer, onde o conceito de ecodesenvolvimento e economia solidária convergem na busca se soluções as demandas apresentadas.

Através das ações, é apontado o desenvolvimento em questões subjetivas como o empoderamento destas mulheres em relação a efetivação da associação na sua comunidade. Em função do conhecimento daquilo que elas vêm produzindo e em diálogo, estão sendo estruturados conceitos antes não dialogados como por exemplo a valorização destas mulheres como gestoras, questões relacionadas a saúde a autoestima e o papel desta mulher em sua comunidade.

Do ciclo de ações escolhidos para serem aplicadas a ação considerada complexa que diz respeito ao redesenho da marca foi efetivada com êxito. Para isso, este processo foi construído de maneira coletiva.

Singer corrobora para que seja possível pensar em novos modelos de comércio tendo o princípio da prevenção em relação ao entorno e com isso questionar o papel da mulher como agente transformadora deste entorno. Logo, as ações aplicadas no viés estratégico com o objetivo de fomentar esta cooperativa são validadas no âmbito do desenvolvimento sustentável pois buscam a manutenção e desenvolvimento da comunidade.

6. Considerações Finais

O desenvolvimento deste trabalho aponta até o momento que existe uma lacuna para se pensar na mulher como gestora de seu empreendimento. A partir desta premissa observa-se como é relevante que sejam feitas ações em nível local e que se dialogue acerca das práticas de autogestão proposta pela economia solidária.

No contexto da problemática ambiental, é preciso pensar na relação de como estes novos empreendimentos irão dialogar com questões como por exemplo o consumismo na sociedade. Neste sentido, a economia solidária se apresenta como uma resposta a um novo modelo de desenvolvimento sustentável, onde o cerne no debate é complexo, pois significa pensar em modelos que contemplem um comércio justo para todas as partes envolvidas e que isso seja o menos danoso ao entorno a fim de gerar uma consciência coletiva.

Referências

- ANDERSON, C. **A Cauda Longa**: Do mercado de massa para o mercado de nicho. Campus.2006.
- ANDRADE, T. **Mulheres no mercado de trabalho de trabalho**: Onde nasce a Desigualdade? Disponível em: http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/estudos-e-notas-tecnicas/areas-da-conle/tema7/2016_12416_mulheres-no-mercado-de-trabalho_tania-andrade. Acesso em: 7 mar. 2018.
- BARBIERI, J. C. **Gestão Ambiental Empresarial**: Conceitos, Modelos e Instrumentos. São Paulo: Saraiva, 2007.
- BARDIN, L. **Análisis del contenido**. 2ª edição. Madrid: Akal, 1996.
- BROWN. T. **Design Thinking**. Disponível em:
<<http://designthinking.es/inicio/index.php>> Acesso em: 1, nov. 2017.
- BRUSCHINI, C; LOMBARDI, M. R. Instruídas e trabalhadeiras Trabalho feminino no final do século XX. **Cadernos Pagu**. Vol. 17, no.18, 2002. Disponível em:
<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/1091/showToc>>. Acesso em: 15 nov. 2017.
- SACHS, Ignacy. Barricadas de ontem, campos de futuro. **Estudos avançados**. Vol.24 no.68 São Paulo. 2010. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000100005>
Acesso em: 30 nov. 2017.
- SEBRAE. **Cooperativa**: Série empreendimentos coletivos 2014. Disponível em:
<[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/65f0176ca446f4668643bc4e4c5d6add/\\$File/5193.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/65f0176ca446f4668643bc4e4c5d6add/$File/5193.pdf)>. Acesso em: 23 ago. 2017.
- SINGER. P. **Economia solidária**: Entrevista com Paul Singer. **Estudos Avançados**. vol.22 no.62. 2008.Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100020>
Acesso em: 25 nov.2017.